

OBSERVADORA DE PEQUENAS DESORDENS: “CORPOPOETIZANDO” A CIDADE

PRISCILA RAMPIN

PPGCA - UFF e Grupo de Pesquisa Poéticas da Imagem CNPq -UFU

Este relato expõe parte do processo de realização de “Registração”: uma ação — e *performance* — artística do Instituto de Pequenas Desordens, “empresa” de atributos ficcionais. O objetivo foi destacar alguns usos mínimos que os cidadãos fazem do espaço público urbano os quais subvertem as funções originais de tal espaço. Do caminhar, atenta e sensivelmente, pela urbe derivou a constatação de que cidade não é impessoal em nada; antes, é conformada por subjetividades, manifestações banais, criativas e instauradoras de uma dinâmica relacional.

Palavras-chave: Práticas urbanas. Ação artística. Corpopoética. Pequenas desordens.

This essay aims to explain the process of “Registração”: an action – and performance – part of the Small Disturbances Institute, a company with fictional features. The goal was to highlight small, nuanced uses of individual and collective public spaces. From the act of walk with attention derived the finding that the city is not impersonal at all, rather, it is full of subjectivities, trivial and creative events that establish a relational dynamic.

Key-words: Urban practices. Artistic action. Corpopoétique. Small disturbances.

Ao estigmatizar a multidão conferindo-lhe uma natureza uniforme no conto “O homem da multidão” (BENJAMIN, 1989), Edgar Allan Poe (1809–49) parece abrir uma frente de escritos literários que tratarão do condicionamento (comportamental, indumentário e gestual) da sociedade do século XIX. A cidade grande (a Londres de 1840, em que Poe ambienta sua trama, então considerada a mais populosa das capitais) tem um aspecto bem definido, como escreveu Benjamin (1989): é ocupada por uma massa de corpos-máquinas que, indiferentes uns aos outros, cruzavam-se diariamente em seus deslocamentos. Comprimidos no espaço em que lhes cabiam transitar, quase se esbarravam; mas o coletivo seguia isolado de si mesmo, a buscar seu destino, como em uma linha de produção industrial cujas peças e cujos produtos em processo de montagem seguem, satisfatoriamente, para a sua edição final.

Decorridos mais de 150 anos da publicação de “O homem da multidão”, ainda parece familiar a representação da sociedade automatizada, ocupada com os afazeres cotidianos e assustada com as mazelas contemporâneas. Os processos de urbanização em nada contribuíram, hoje e ontem, para melhorar as sensações produzidas pela urbe — diria Magnani (2002). Ora em decorrência do crescimento desordenado, ora pela adoção de estruturas urbanas estereotipadas — das quais é exemplo a conformação das cidades mundiais, que, embora distantes e distintas, assemelham-se —, tais abordagens, segundo o autor, teriam como consequência a deterioração das relações, dos espaços e dos equipamentos urbanos.

Da cidade, nada se quer. “[...] não desejamos mais a cidade, mas, pelo contrário, aspiramos a fugir dela, a nos ocultar dela [...]” — sentencia Paul Ardenne (2012, p. 134). Assim — convém reiterar —, mais de um século e meio após a publicação de Poe, Ardenne reclama a ausência de

liberdade individual de praticar a cidade, que se tornou “[...] um espaço administrado, proprietizado, parcialmente público [...]”. O ordenamento municipal das ruas de pedestre aspira meus passos e me afasta, de fato, da tentação de ir para outra parte ver a realidade [...]”. Em pressão contrária, estaríamos todos nós, habitantes, desejosos de “[...] uma relação ‘corpopoética’ com a mesma” [ou seja, a cidade] (ARDENNE, 2012, p. 134–5).

Na expressão desse autor, experimentar corpopoeticamente o espaço urbano significa um desejo individual, singular e concretizado de ocupação que altera a paisagem. A cidade seria usada à revelia das intenções dos urbanistas, de seu ritmo frenético e da pressuposta impessoalidade das interações; numa palavra, à revelia das situações ameaçadoras. É com esse desejo que demandas individuais compartilhadas como as chamadas *flash mobs* têm tomado a forma de manifestações urbanas: uma união quase espontânea de indivíduos engajados em atividades diversas; uma batalha cuja arma é o travesseiro ou uma festa dentro de um vagão de metrô em pleno funcionamento.

A rua vivenciada no dia a dia não seria em nada sensível, tampouco personalizada — aponta Ardenne (2012). Desse modo, a apatia ou o excesso de controle suscitariam tais movimentos voluntariosos, transformando a rua em lugar. Além disso, em certas instâncias — parafraseando Benjamin (1989) —, a rua se dá a conhecer como um interior que está repleto de elementos mínimos, aparentes, dissonantes, elementos postos na cena urbana que passam pelos olhos da maioria das pessoas sem ser captados de fato.

Com efeito, tais elementos se projetaram na ação do Instituto de Pequenas Desordens: “empresa” com variantes ficcionais que fundei em 2014 a fim de dar visibilidade a detalhes sensi-

veis — embora banais — que encontramos no dia a dia da cidade. O “instituto” resulta do trabalho de mestrado na linha de pesquisa sobre práticas e processos artísticos do programa de pós-graduação em artes da Universidade Federal Fluminense. A dissertação resultante foi defendida em março de 2016. A pesquisa teve como objetivo-chave a produção artística com origem na experiência da caminhada exploratória, depois configurada como uma *performance*, para observar práticas costumeiras do contexto urbano compartilhadas ou realizadas pelos cidadãos.

Em certa medida, este artigo traduz os resultados da pesquisa; isto é, recorta certos elementos e os rearranja com outros fins. Assim, do processo de realização de *Registração*, este objetivou destacar alguns usos mínimos que os cidadãos fazem do espaço público urbano e que subvertem suas funções originais. Os dados aqui considerados — fotografias, fragmentos de diálogos, ficha de anotações, notas de observação — derivam de uma etapa da pesquisa maior sob o escopo do “instituto”.

“Registração”: fiscalizando e anotando a face sensível da cidade

Em prol da verossimilhança do “instituto” com empresas reais, houve sistematização de procedimentos e produtos. Por exemplo, adoção da personagem “Observadora”, que, uniformizada e munida de câmera fotográfica e da ficha de observação, faz a regisração das “pequenas desordens” da cidade; a criação de um logotipo; anúncios em jornal; impressos; aluguel temporário de um espaço físico comercial para abrigar as instalações do “instituto”, dentre outras atividades (FIG. 1). Embora não seja uma empresa formalizada legalmente, intromete-se no dia a dia para misturar-se com a cidade, pôr-se à vista de um público mais amplo e não habi-



FIGURA 1 – Processo de montagem do Instituto de Pequenas Desordens — novembro de 2014.

tuado à fruição artística.

Um “programa de ações” tem, então, o objetivo de camuflá-lo em relação ao entorno e viabilizar novos espaços e meios de circulação e apresentação do próprio trabalho e, por conseguinte, desnaturalizar os eventos banais aos quais o termo “pequenas desordens” se vincula. Desde o eixo da ficção empresarial, ramificam-se as ações de “observação”, “regisração”, “divulgação” e “infiltração”, que podem interdepende, se mesclarem ou serem realizadas independentemente.

Nos percursos em que desempenho a função da “Observadora” do “instituto”, percebo facetas de uso da cidade por seus habitantes que podem — a meu ver — ser entendidas como manifestação corpopoética. Se em vários momentos me deparei com corpos-máquinas, em muitos outros me surpreendi com a cidade efetivamente praticada. Longe das características espetaculares ou dos rompantes de um coletivo catártico a lutar com plumas, encontrei os resquícios de gestos simples do cidadão que toma a cidade como extensão de si

próprio ou de sua casa. Impõem aos equipamentos públicos certos desvios das funções para os quais foram programados: troncos de árvore ou um poste de luz servem de duvidosos *outdoors*; a calçada do transeunte é disputada pela mesa do bar.

Porém, se esses desvios corriqueiros não chegam a modificar de vez o funcionamento original — afinal estão no espaço social da rua —, há motivos para supor certo potencial relacional entre tais usos e os indivíduos. A cidade comunica. A cidade vende. A cidade altera (FIG. 2).

No espaço desta escrita, atendo-me à ação que nomeio como regisração de “pequenas desordens”, que consiste na personificação da fiscal “observadora urbana”. Trata-se de um exercício sensível de investigar e anotar a cidade. Os outros meios pelos quais o trabalho transita se apoiam na distribuição de impressos às pessoas e na “infiltração” de conteúdos produzidos em nome do “instituto” em mídias e locais

diversos.

“Pequenas desordens” é como intitulo as práticas e os gestos corriqueiros e banais dos habitantes que fazem da rua seu depósito. A porção física da cidade é, então, relativizada. Por exemplo, classifico como pequenas desordens a afixação de cartazes, lambe-lambes, faixas ou *stickers* com dizeres pessoais dirigidos a alguém ou ao coletivo, como reclamações ou declarações de caráter pessoal e íntimo (pedidos, ofertas de compra/venda informais, declarações de amor, de perda, de incômodo, de alegria etc.) que comunicam sentimentos e desejos diversos; descartes variados (de elementos que tenham servido ao uso próprio $\frac{3}{4}$ sofás, camas, colchões, roupas, livros $\frac{3}{4}$ e de lixo comum $\frac{3}{4}$ copinhos plásticos, bitucas de cigarro, restos de alimento, sacolas etc.); usos subversivos, indevidos ou irregulares do espaço público e do espaço de terceiros: veículos estacionados em locais proibidos, uso de equipamentos públicos para fins diversos do previsto, apropriação de terrenos de terceiros; por fim, as “pequenas desordens” causadas pelo mau uso, por obstruções ou pela falta da manutenção que cabe aos responsáveis pelos serviços municipais: calçadas e bancos quebrados, placas e lixeiras inutilizadas e fechamentos de acessos (FIG. 3).

Tais detalhes e as pistas deixadas pelo cidadão pressupõem uma aproximação entre o contexto e mim. Nessa intimidade com o espaço físico exterior, proporcionada pelos itinerários feitos a pé, as singularidades aparecem à visão, contradizendo as defesas do homogêneo e automático que o urbano carrega desde longa data. Constato o posicionamento de Magnani (2002), que considera a atividade coletiva ou individual, que culmina em relações, redes, trajetos dotados de sentido, encontros e arranjos que transformam a suposta abstração do indivíduo em participação efetiva.

FIGURA 2 – Registração do Instituto de Pequenas Desordens, 2013.

Fonte: meu acervo.





Ao realizar a regisração, sigo um trajeto traçando uniforme composto de jaleco, crachá e capacete de segurança (FIG. 4). O protocolo inclui identificar a situação ou elemento da “pequena desordem”, registrar a cena com câmera fotográfica — às vezes com o gravador —, preencher uma ficha e coletar certos elementos sem valor, mas que interessam à ocasião.

Tal conjunto tem funções variadas durante a realização do trabalho e desempenham papel determinante em seu resultado. Por um lado, alimentam outras ações, além de servir à minha lembrança e apreensão dos eventos; por outro, o gesto da “regisração” é uma ferramenta sensível para o objetivo de tornar notáveis as pequenas desordens.

A atuação da “fiscal” na rua independe de haver, por perto, um eventual e desavisado público. As tarefas são as mesmas. Afinal, a “funcionária” do “instituto” tem atividades a ser cumpridas. Mas, em certas circunstâncias, apercebo-me captando a atenção dos passantes, ainda que a opção pela personagem antecipe



FIGURA 3 – Regisração do Instituto de Pequenas Desordens, 2013. Fonte: meu acervo.

certa invisibilidade convencional aos trabalhadores da rua (lixeiros, leituristas de energia e água, dentre outros) na hierarquia social em que vivemos. Atribuo esse “destaque” ao fato de que “o quê e o como fiscalizo” podem realmente suscitar a curiosidade alheia, pois não se enquadram em nenhum dos serviços costumeiros. Por exemplo, em uma dessas situações, um casal de idosos aproximou-se sem reservas, esforçando-se para enxergar a identificação em meu crachá. Logo, ambos passaram a reclamar de “outras desordens” que os incomodavam por ali. É essa a curiosidade que, quando aguçada, joga luz sobre os ínfimos usos e apossamentos da urbe e mostra que, para além do gesto banal, há uma esfera lúdica nessas micromanifestações.

A circunstância do andar pela cidade associa-se a muitos grupos como aqueles formados por intelectuais e artistas — a exemplo dos vinculados ao Dadaísmo, ao Surrealismo, ao Situationismo, ao Minimalismo e à *Land Art* — e os Stalkers — que usaram o ato de caminhar pela urbe para compreendê-la física e sensorialmen-

FIGURA 4 – Observação do Instituto de Pequenas Desordens — Buenos Aires, 2015. Fonte: meu acervo.



te. Enquanto os primeiros embrenharam-se criticamente no espaço citadino; os segundos procuraram construir novas paisagens contemplando os arredores menos conhecidos. Nas margens dos centros, nas zonas fronteiriças, nos lotes vagos, procuravam por possibilidades, descobertas, alguma ocupação. Francesco Careri (2014), um dos fundadores dos Stalkers, afirma que “o aqui e o agora” são a Nova Babilônia dos situacionistas — localizada exatamente nas margens, nas sobras e sombras.

A despeito das estratégias de controle, multiplicam-se no coletivo as rebeliões brandas, mas potencialmente sensíveis. Não é necessário ir às margens para identificá-las em sua insignificância; basta lançar um olhar demorado e inquiridor. Ao caminhar pela cidade como “Observadora”, partilho com o outro essa via de acesso para o horizonte trivial. Prova disso são as passagens que vivencio em interação com o meio. Certa vez, no ofício de observar, eu registrava cartazes afixados em um ponto de ônibus

ocupado por um grupo de estudantes juvenis que acabavam de sair da escola. Eu os ouvi indagar, com curiosidade, por que eu anotava e fotografava aqueles achados... tão irrelevantes! A pergunta, no entanto, nunca foi feita diretamente a mim.

Omitir que se trata de um trabalho de arte deixa incerto o objetivo da atuação da personagem. Em dado momento, a ineficácia da ação e as discrepâncias oferecidas (em relação a um fiscal real) assinalam no “público” o pronome “pra quê?”. Estar uniformizada e munida de “instrumentos de medição e registro” dão uma feição de atividade formal, imediatamente estranhada pela ação em si. O que haveria de tão importante nesse lixo abandonado disciplinadamente sobre a grade? Ou no cartaz de uma cartomante prometendo arramar o amor já perdido?

A coleta de materiais irrelevantes recém-incorporada ao escopo da regisração, por exemplo, potencializa a impressão de inutilidade, estranhamento ou absurdez da ação; fricciona a fronteira com o plausível. Por outro lado — e intuitivamente —, também significa um tipo de mapeamento. No gesto de coletar há algo parecido com o hábito de catar conchas, pois os objetos se localizam no trânsito entre a recordação e a compreensão do lugar. Carregam algo de misterioso, pois tais restos contêm rastros de tempo e vestígios do ser, do usar, do apropriar-se.

O *modus operandi* requer preencher a ficha de observação, cujo conteúdo não é de todo compreensível ao outro. Os desenhos e rabiscos feitos com urgência para as regisrações não elucidam; antes, deixam fluir a imaginação (FIG. 5). Noto que quem se dirige a mim com expectativas de elucidação se frustra, pois, como a “Observadora”, não tenho respostas.

Em uma regisração na capital portenha,¹ um senhor perguntou-me qual foi a “pequena desordem” mais popular que eu havia identificado em seu bairro. Respondi que era a quantidade de *caca de los perros*² largada nas calçadas. Na dúvida se havia compreendido bem, ele repetiu minha resposta; inconformado — e para meu deleite —, perguntou-me se valia a pena sair do meu país para fazer esse tipo de trabalho.

A cidade atraente — diz Ardenne (2012) — é o espaço polêmico. A perfeição arquitetônica e o urbanismo rigorosamente planejado, além das regras, produzem espaços pretensiosamente homogêneos. E nos entediam. Pode ser que gostemos “[...] daquilo que atrapalha a representação homogênea [...] — o desgaste, a sujeira, a entropia, o espetacular, o dúbio, o nojento e o nauseante, o abandonado, até mesmo a obra em andamento” (ARDENNE, 2012, p. 137). O prazer urbano estaria, nesse sentido, mais relacionado com a somatória das aspirações individuais, as quais — postas em ação — demonstram nosso modo de estar no mundo. É na microescala da atuação individual ou na discreta subversão das regras que os cidadãos se revelam criativos. É nas *flash mobs* triviais.

Referências

ARDENNE, Paul. *A cidade “corpopoética”*. Trad. Pascal Rubio. In: SEMINÁRIOS INTERNACIONAIS MUSEU VALE, 2012, Vitória, ES, p. 128–42. Disponível em: <<http://www.seminariosmv.org.br>>. Acesso em: 20 abr.

1 Durante o mês de agosto de 2015, participei da Residência Artística La Paternal Espacio Proyecto com o projeto de levar uma filial do Instituto de Pequenas Desordens para Buenos Aires. A residência resultou na instalação *Instituto de Pequeños Desórdenes — edición Buenos Aires*, aberta em 26/8/2015.

2 Fezes de cachorro. Foi algo comum encontrar cartazes grudados em árvores ou nos portões das casas onde se pedia aos donos que recolhessem as fezes de seus cães; isso dá uma medida da recorrência dessa “pequena desordem”.

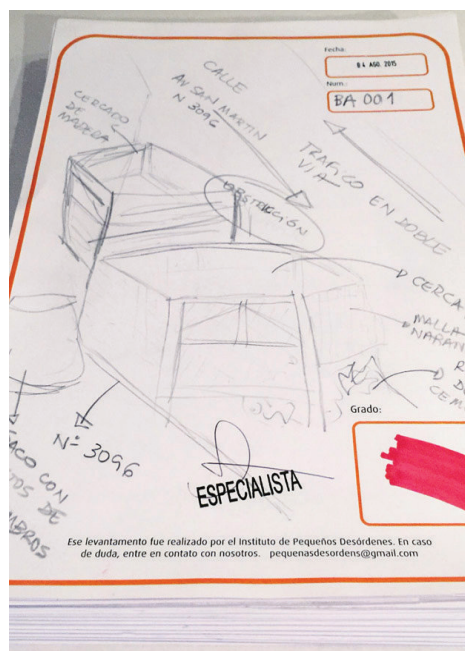


FIGURA 5 – Ficha de observação preenchida durante regisração em Buenos Aires, por ocasião da participação na Residência Artística La Paternal Espacio Proyecto — 2015. Fonte: meu acervo.

2012.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas. Trad. José Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1989, v. 3.

CARERI, Francesco. *Walkscapes*. O caminhar como prática estética. Trad. Frederico Bonaldo. Digital Publication/EPUB. São Paulo: Gustavo Gilli, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 16 jul. 2013.

POE, Edgar Allan. *Histórias extraordinárias*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cia. de Bolso, 2008.

Priscila Rampin é artista visual e pesquisadora (Pesquisa Poéticas da Imagem CNPq/UFU). Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes, Universidade Federal Fluminense (UFF), bacharel em Artes Visuais (UFU, Uberlândia) e em Administração de Empresas (UNAERP, Ribeirão Preto).